

CULTURA E IDENTIDADE DO CAMPO

Marli Terezinha dos Santos de Oliveira¹

Wagner Roberto do Amaral²

RESUMO

Tendo em vista que a cultura é gerada a partir da prática produtiva de cada uma das categorias sociais dos povos do campo, formando-se grande diversidade e criando assim a identidade do povo brasileiro. Tive a oportunidade de desenvolver uma experiência na Casa Familiar Rural localizado no município de Santa Maria do Oeste, com os jovens do 1º ano do curso Técnico em Agropecuária, juntamente com suas famílias, através da Pedagogia da Alternância com o tema “Cultura e identidade dos povos do campo”. O presente artigo analisa uma experiência que teve por finalidade a valorização da cultura e identidade dos sujeitos do campo, onde elas se apresentam em diferentes expressões artísticas nas relações de trabalho, nas festas, nas manifestações religiosas, nas variedades lingüísticas das famílias rurais dentre outras. Essas expressões caracterizam a vida dos sujeitos, homens e mulheres do campo.

Palavras-chave: pedagogia da alternância, cultura popular, linguagem

CONTEXTO

O trabalho desenvolvido nas Casas Familiares Rurais (CFRs) é diferenciado das demais escolas de educação básica, uma vez que utiliza o método de alternância, no qual há uma relação muito grande entre escola e família/comunidade.

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Nova Tebas, E-mail: marlisantosdeoliveira@yahoo.com.br

² Educador Orientador, Mestre e Doutor em Educação, professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, wbetoamaral@hotmail.com

Trabalha-se com tempo-escola que acontece na CFR e no meio sócio-profissional (família/ comunidade), buscando assim desenvolver o jovem por meio de uma formação integral, humana, social, cultural, para o trabalho e para a vida. Esse trabalho fundamenta-se no Art. 1ª da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB) que afirma:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

O trabalho pedagógico desenvolvido nessa instituição de ensino busca esse desenvolvimento, levando em consideração a vida familiar do jovem, a convivência humana com sua família e na instituição com toda a equipe pedagógica e administrativa da mesma, em sua comunidade, seja nas associações ou movimentos sociais, respeitando e valorizando suas manifestações culturais.

A CFR situa-se no campo e é voltada para o campo, sendo composta por jovens oriundos desse meio, com um currículo voltado a atender as especificidades desses sujeitos, pois sabemos da importância da juventude ter acesso a uma formação que vá ao encontro de sua realidade. Assim, o interesse desse educando pelo ensino torna-se muito maior e os níveis de evasão e repetência escolar diminuem significativamente. Conforme afirma Schwendler (2005, p. 43):

Nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, a identidade é definida a partir dos sujeitos do campo, do modo como estes organizam seu cotidiano, dos saberes e da cultura que produzem enquanto transformam a terra e o próprio contexto onde estão inseridos, bem como dos conhecimentos e da cultura historicamente acumulados, produzidos na relação dialética entre o campo e a cidade, no modo de trabalho e organização da sociedade.

Segundo a autora, das Diretrizes Operacionais para a educação básica das escolas do campo explica ainda que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na sua temporalidade e saberes dos estudantes, na memória coletiva que simboliza futuros, na rede de Ciências e Tecnologia disponível na Sociedade e nos Movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (SCHWENDLER, 2005, p. 43)

Assim, pensar uma efetiva educação do campo e para o campo demanda respeitar as diversidades desses povos, dentro de suas especificidades sem, no entanto, transformá-las em desigualdades. É reconhecer a cidadania e a democracia para o desenvolvimento de um projeto que leve em consideração as populações do campo como sujeito de direitos e construtores da história.

Nessa perspectiva de desenvolvimento, a CFR se enquadra, pois procuramos desenvolver um trabalho que proporcione a esses jovens e suas famílias sentirem-se valorizados pelo que são e o meio em que estão inseridos, pela sua cultura, respeitando e valorizando-os. Trabalhamos, dessa forma, a realidade do jovem do campo com centralidade pedagógica.

Na proposta pedagógica da CFR explicita-se a forma como é desenvolvido o trabalho, dentro da Pedagogia da Alternância, através dos instrumentos pedagógicos. O plano de estudo é realizado na CFR, sendo elaborado junto com os jovens e toda a equipe de monitores e professores da escola. A partir do tema gerador da semana, é desenvolvido o trabalho por meio de pesquisas, textos para serem debatidos e questionados com a família em sua propriedade.

Muitas são as formas de articular e desenvolver o trabalho, utilizando os instrumentos orientados pela proposta pedagógica da CFR, tais como: o contato individual personalizado, sendo um momento de conversa com o jovem para análise do debate do plano de estudo feito com a família, caracterizando-se por um momento onde pode estar compreendendo melhor a sua realidade e também questões familiares, seus objetivos de vida, suas metas e sonhos e assim conhecê-los com mais profundidade; a colocação em comum, onde é socializado o plano de estudo entre todos os presentes, sendo esta realidade sistematizada pelo professor condutor da colocação em comum; a visita de estudo feita durante a semana, na qual é realizado um estudo, de preferência que envolva o tema gerador da semana para aprofundá-lo melhor; o caderno da realidade, onde é sintetizado tudo o que ocorre com o jovem, sendo o resumo de todas as atividades realizadas na CFR e no meio sócio profissional, (tempo família e comunidade), ou seja, é a vida do jovem que está presente nesse caderno; as visitas técnicas que são feitas pelos monitores e professores da CFR aos jovens, em suas propriedades, para acompanhar e

orientar as práticas desenvolvidas por eles a partir do conhecimento teórico aprendido na CFR; a avaliação semanal da alternância na CFR onde são colocados os pontos ocorridos na semana, positivos, negativos, para assim não cometer os mesmos erros e crescer buscando sempre o melhor.

Através dessa pedagogia, buscou-se juntamente com os jovens do Curso Técnico em Agropecuária, vários objetivos para desenvolver a experiência sobre a cultura e identidade dos sujeitos do campo, levando em consideração a pluralidade desses povos.

A cultura e identidade brasileira são formadas pela grande diversidade de etnias, manifestações culturais, crenças e costumes, sendo que estes grupos, no Brasil, são constituído por diferentes etnias, segmentos sociais e culturais no campo, dentre eles: família de pescadores, artesãos, quilombolas, indígenas e assentados, bóias-frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, acampados, arrendatários, pequenos proprietários, colonos ou sitiante de norte a sul, trabalhadores estes e de outros segmentos, que merecem nosso respeito e que precisam cada vez mais de políticas públicas que sejam voltadas para sua realidade, principalmente na valorização de sua produção e na educação que seja voltada para os sujeitos do campo.

Atualmente percebe se que o Brasil está a caminho do desenvolvimento tanto na zona urbana como na zona rural, pois as tecnologias passam a ser acessadas pelos sujeitos do campo, uma vez que o conhecimento é fundamental na vida de qualquer pessoa para ter uma vida com qualidade e ser feliz, segundo (GADOTTI, 2000, p.7),

Se for pela importância dada hoje ao conhecimento, em todos os setores, pode-se dizer que se vive mesmo na era do conhecimento, na sociedade do conhecimento, sobretudo em consequência da informatização e do processo de globalização das telecomunicações a ela associada.

A literatura de Monteiro Lobato descreve Jeca Tatu como um homem do campo representando os atributos negativos dos brasileiros, como a imagem do caipira sendo um “piolho-da-terra”, na obra Urupês (1914). A figura do homem do campo atrasado faz parte do discurso que a elite liberal republicana brasileira usa – sendo ela defensora de um Brasil composto de cidadãos brancos e europeus – para deslegitimar determinados setores das classes populares. Pois segundo (MEIRELLES, 2007)

No início do século XX, a pretensão de construir uma identidade nacional se chocava com a realidade de um país que parecia partido ao meio, dividido entre um Brasil urbano e outro rural. Neste mundo onde o urbano representava o progresso e o rural aquilo que devia ser superado, parecia impossível encontrar elementos capazes de construir um patrimônio comum de valores. Esta situação era agravada pela dificuldade de se reconhecer no trabalhador brasileiro, especialmente o do campo, atributos capazes de identificá-lo como figura positiva para a formação de um povo nobre. Dizia-se este tipo de homem era incapaz de integrar-se aos padrões sociais de uma vida moderada, guiada pelo trabalho disciplinado.

A representação do caipira, cujos principais traços físicos já pareciam delineados em quadros de Almeida Júnior (1850-1899) como o “Picador de Fumo”, cresceu em importância a partir do momento em que Rui Barbosa (1849- 1923) definiu Jeca Tatu como símbolo do descaso dos governos com os povos do campo. O próprio Monteiro Lobato tentaria mudar a imagem negativa do Jeca na obra *Urupês* (1914), afirmando que ele não era um homem miserável, e sim alguém que vivia em um estado de miséria. O autor atribuía a responsabilidade por esta situação à negligência dos governos diante do atraso da população rural brasileira. (MEIRELLES, 2007).



Caipira picando fumo, 1883, de Almeida Junior

Fonte: <http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?paged=9>



Fonte: <http://www.joaoboscoleal.com.br/2010/10/30/a-jequice-da-era-da-mediocridade-nao-deixou-escapar-nem-o-criador-do-jeca-tatu/>



Fonte: <http://mardehistorias.wordpress.com/2010/11/07/monteiro-lobato-e-as-trapalhadas-da-educacao-brasileira/jecatatu>

Já nos anos de 1940 e 1950, dentre a emergência dos meios de comunicação de massa atuando numa perspectiva de manipulação e padronização de hábitos e de estilos de vida, o cinema tornou-se uma forma de entretenimento popular representando um veículo importante na elaboração e na contraposição de diferentes visões do mundo e da sociedade. (MEIRELLES, 2007).

“O caipira”, criado pelo ator Amácio Mazzaropi, era um personagem que figurou em mais de 30 filmes, do início da década de 1960 até a década de 1980. Mazzaropi sempre aparecia nos filmes com jeito típico do homem simples do interior do Estado de São Paulo, como no filme “Jeca e o bode” que relata um caipira que foi trabalhar na cidade grande, e se atrapalha todo com as coisas modernas, como os elevadores e as escadas rolantes. No filme, o personagem acaba conquistando a simpatia das pessoas, porque tem um bode que fala.



Fonte: <http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?p=1189>

Na época, também conhecido como “caipira” que se caracterizava por usar camisa xadrez, calça que acabava antes das canelas popularmente conhecida como calça “pula brejo”, o chapéu de palha e uma linguagem marcada pelo forte pronunciamento do “r” nas palavras.

Entretanto, hoje a situação do homem do campo é outra, sendo que atualmente a tecnologia chegou também ao interior e quem ainda vê a população do campo como “atrasada” está enganado, pois essa população foi beneficiada com os recursos científicos e tecnológicos.

O crescimento econômico nos últimos anos fez com que cidades pequenas do interior do Brasil se tornassem verdadeiros pólos comerciais e industriais, transformando assim, seus habitantes e exigindo uma análise sociológica e antropológica mais profunda, uma vez que não se comumente se encontram no meio rural e/ou em regiões interioranas as imagens estereotipadas caracterizadas no passado. Nesses centros é comum vermos agricultores que trocaram suas carroças por caminhonetes luxuosas, sua velha calça de algodão pelos jeans de última moda, o chapéu de palha pelo chapéu de couro, entre outros tantos exemplos. Isso mostra que o agricultor também está mudando seu padrão cultural de consumo, com a aderência às novas modas, até então sendo características do meio urbano.

A educação para os povos do campo é trabalhada a partir de um currículo essencialmente urbano e, quase sempre, deslocado das necessidades e da realidade do campo, dando a compreender que a educação escolar diferenciada não era necessária aos trabalhadores rurais. A história da educação no campo percorreu uma longa trajetória sendo atualmente regida

por Leis e Diretrizes específicas reconhecidas institucionalmente. Como afirma as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo:

A concepção de campo tem o seu sentido cunhado pelos movimentos sociais no final do século XX, em referência à identidade e cultura dos povos do campo, valorizando-os como sujeito que possuem laços culturais e valores relacionados à vida na terra. Trata-se do campo como lugar de trabalho, de cultura, da produção de conhecimento na sua relação de existência e sobrevivência.

A escola tem o papel fundamental de trabalhar a auto-estima com seus educandos principalmente os que são oriundos do campo, além de todo um trabalho ligado a memória, à cultura, aos valores do jovem do campo, é preciso pensar especialmente na postura dos educadores, e também no uso das didáticas, ou seja, do jeito de conduzir as atividades escolares.

A Secretária do Estado de Educação (SEED), nos Cadernos temáticos da Educação do Campo p.32, nos diz que:

A escola precisa trabalhar com memória do grupo e com suas raízes e manifestações culturais; e isto quer dizer também que se deve ter uma intencionalidade específica na resistência à imposição de padrões culturais alienígenas, isto é, a escola precisa ajudar os jovens a enraizar sua cultura e interagi-la com outras culturas conservando porém suas raízes e vínculos combatendo à dominação cultural. A escola pode também ajudar os educandos e as educandas a perderem a vergonha de se reconhecerem como sujeitos do campo, em “ser da roça”; a aprender a “ser camponês”, e a “ser do Movimento Social” e a aprender valorizar a história dos seus antepassados, tendo uma visão crítica sobre ela: e a aprender do passado para projetar o futuro.

Diante de todas as diferenças culturais foi desenvolvida uma experiência que afirmasse e valorizasse essas diversidades, possibilitando que aprendamos a conviver e valorizar a cultura de cada um. Acreditamos que as experiências e os novos conhecimentos, tem sido importantes para reconhecermos a diversidade cultural.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Dentre algumas experiências vivenciadas em relação ao tema “identidades e as culturas do campo”, pude desenvolver uma com a turma do primeiro ano de ensino médio com formação em Técnico em Agropecuária,

durante a elaboração de um Plano de Estudo, utilizando como tema gerador “Cultura e Identidade”.

Num primeiro momento, realizou-se uma abordagem geral sobre o tema, a qual se iniciou com um questionamento: *Quem são os homens e mulheres do campo?* Depois de levantada a questão e o tema, foram feitas discussões e abordagem envolvendo toda a equipe de professores, alunos e monitores. Em seguida, foi distribuído para os alunos o texto “Diversidade na educação” de Maria Antonia Souza (2002), que abordava quais os grupos sociais que vivem no campo, tratando sobre as diversidades culturais existentes nesse meio.

Após leitura do texto, foram realizadas discussões e contribuições de todos, sendo apresentadas pelos alunos algumas indagações como: *quem são os povos do campo? Como se caracterizam? Quais as diferenças entre cultura do campo com a cidade? Quem somos nós? Relembrando o passado: quem era o homem do campo? Como trabalhavam? E como se organizavam?* Este texto e as questões orientadoras foram levados pelos jovens, para serem discutidas com suas famílias. No final da exposição das questões respondidas em casa deveriam elaborar um texto e/ou poderiam estar trazendo músicas que abordassem a vida dos sujeitos do campo.

Na CFR, durante a colocação em comum (um dos instrumentos da pedagogia da alternância), foi feita a socialização e discussão dos textos elaborados junto com as famílias, possibilitando perceber a valorização denotada por eles aos povos do campo.

As músicas trazidas foram “No Rancho Fundo” de Ari Barroso\Lamartine a de Renato Teixeira denominada “Rapaz Caipira”, as quais foram ouvidas e comentadas, tendo por objetivo incentivar a valorização dos povos do campo.

Após a leitura dos textos trazidos pelos jovens, ouvidas e comentadas as músicas, foi elaborado um texto coletivo, partindo da realidade de cada um, compartilhando as idéias e o que há em comum em cada comunidade. Para dar continuidade na aprendizagem, durante o tempo CFR, cada professor e monitor trabalharam seu conteúdo dentro do tema “cultura e identidade”. E na disciplina da língua portuguesa e literatura, foi trabalhado pela professora o conteúdo específico: as variações lingüísticas. Fez-se inicialmente um trabalho teórico, usando o livro de Língua Portuguesa de Carlos Alberto Faraco “Língua

e Cultura” (2005 p.157) da 1ª série do ensino médio o qual traz a seguinte abordagem:

A língua é um conjunto de variedades, sendo esta falada de modos diferentes pelo Brasil a fora. Também não é difícil observar como a língua varia conforme o estamento social dos falantes e como nós mesmos variamos continuamente nosso modo de falar, conforme a situação em que estamos (formal ou informal). Conforme quem são os interlocutores (mais velhos, mais jovens, conhecidos ou desconhecidos). Conforme o papel que estamos exercendo naquele momento (professor, aluno, chefe ou colega de trabalho).

Segundo Faraco (2005 p.159),

Em várias regiões do país convivem, num mesmo espaço geográfico, diferentes variedades regionais. Esse fenômeno é decorrência dos movimentos migratórios de grande contingentes populacionais que ocorreram durante o século XX: a migração de nordestinos para o centro-sul, a migração de sulistas para o centro-oeste e norte e o grande êxodo rural que, em pouco mais de 50 anos, inverteu a distribuição da população entre cidade e campo, tornando o nosso país um dos mais urbanizados do mundo e trazendo para o espaço urbano os falares rurais brasileiros.

Não podemos dizer que os povos do campo falam errado, que são caipiras, pois o seu modo de viver e de se expressar faz parte de uma cultura construída historicamente que tem sua riqueza e por isso, merece ser valorizada.

Todas as variedades lingüísticas são eficazes na comunicação verbal e possuem valor nas comunidades em que são faladas. Por isso, não existe um jeito certo de falar, nem um dialeto superior a outro. “Quando se fala do exemplar correto, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto” (Bechara, 1991, p. 51).

Depois das discussões em sala de aula, os jovens fizeram pesquisas em casa sobre os diferentes modos de falar em nosso país, trazendo frases, músicas, poesias, expressões populares regionais (gaúchas, nordestinas, sulinas, etc.) e também pesquisaram sobre o universo vocabular e o modo de falar de sua família, se há palavras diferentes usadas na linguagem familiar, se aprenderam na convivência comunitária, também houve um grande destaque nos estereótipos apresentando pelo personagem Jeca Tatu em suas pesquisas.

Essas pesquisas foram apresentadas em forma de seminário, onde cada jovem expôs aos demais o uso da fala como uma mistura das várias regiões do Brasil. Convivendo em um mesmo lugar. Um dos elementos evidenciados nessa experiência foi a grande diversidade do modo de falar dos nossos jovens e de suas famílias e comunidade, aprendida na convivência comunitária, pois é significativa todo o corpo docente através dessa experiência pôde enriquecer suas metodologias de ensino acrescentando novas idéias em suas disciplinas na prática do dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mazzaropi, nos seus filmes, retratava Jeca Tatu, personagem “caipira”, que por viver quase sempre em fazendas representava estereótipos descritos no texto, ou seja, personagem de hábitos e linguagem simples características dos trabalhadores rurais de sua época

O trabalho com o tema “Culturas e identidades dos povos do campo”, despertou grande interesse dos jovens, pois o tema valoriza sua realidade, sendo que cada um sentiu-se motivado nas apresentações das atividades realizadas com suas famílias, bem como durante as apresentações do seminário. A experiência realizada pode melhorar a auto-estima dos educandos, estimulando a valorização de sua cultura e identidade. Essa experiência serviu para conhecimento e valorização das variações lingüísticas de cada região, possibilitando melhor as coerências e vocabulários, nas elaborações de textos dos jovens em sala de aula e na oralidade das apresentações de trabalhos.

Como nossa sociedade é predominantemente discriminatória e racista, herança de nosso período colonial e característica típica do sistema patrimonialista e colonianista, existem ainda atitudes discriminatórias e concepções preconceituosas em nossas escolas entre os diversos sujeitos que compõem esse grupo. Mas nós como educadores, devemos superar essa visão da sociedade tratando nossos jovens sem preconceitos.

Portanto, demonstrar nossas realidades e nossas variedades linguísticas já que vivemos numa sociedade bem diversificada, formada de vários povos

onde cada um deve viver sem preconceito respeitando o direito de cada ser humano.

REFERÊNCIAS:

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1991.

BEGNAMI, J. B. Pedagogia da Alternância como sistema educativo. **Revista da Formação por Alternância**. Brasília: UNEFAB, 2006, n. 3. p. 24-47.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**, ensino médio, 1º série Curitiba 2005. 248p.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**, São Paulo: Apr/June, 2000.

GIMONET, Jean-claude **Praticar e compreender a Pedagogia da alternância dos CEFFs**. Petrópolis, RJ, Vozes, Paris, 2007.

HARTER, Leandro. **“Um País Miscigenado”** In **Jornal Mundo Jovem**. Editora da PUCRS, Rio Grande do Sul, outubro de 2006, p. 20 e 21.

LOBATO, Monteiro .Urupês. 15 ed. São Paulo: Brasiliense 1969

MEIRELLES, W. R. **Manhosos, Sapecas e Matreiros**. Revista de história (Rio de Janeiro), v. 17, p. 26-27, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Educação do Campo: Cadernos Temáticos**, Curitiba: SEED, 2005.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação do Campo. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba, 2006.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares de arte e artes. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba 2006.

SOUSA Maria Antonia. **Diversidade na educação**. Secretaria de estado da educação superintendência da educação departamento da diversidade, 2002.

THOMPSON, Edward P. Introdução: Costumes e cultura. In: *Costumes em Comem*. São Paulo, Companhia das letras, 1998.

Links consultados:

Laboratório de Ensino e Material Didático § História § USP. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?paged=9>, acesso em 03/maio/2011

Filme: Jeca Tatu. Laboratório de ensino e material Didático- Histórico – Universidade de São Paulo, disponível <http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?p=1189>, acesso em 03/05/2011.

João Bosco Leal. A Jequice da era da Mediocridade não deixou escapar nem o criador do Jeca Tatu. 30/outubro/2010. Disponível em <http://www.joaoboscoleal.com.br/2010/10/30/a-jequice-da-era-da-mediocridade-nao-deixou-escapar-nem-o-criador-do-jeca-tatu> acesso em 03/maio/2011

Mar de historia Disponível em: <http://mardehistorias.wordpress.com/2010/11/07/monteiro-lobato-e-as-trapalhadas-da-educacao-brasileira/jecatatu> acesso em 03 /maio/2011